

# CARTÃO VERMELHO

O que resta do comunismo, em Portugal? O pior resultado eleitoral de sempre do PCP expôs fragilidades, principalmente em bastiões em que houve fuga de votos, com o fim da Geringonça. O clima interno não é o melhor, e a sucessão do líder pode ser antecipada

— POR NUNO MIGUEL ROPIO\* FOTOS MARCOS BORGA



✓ **Resistência** Ricardo Botas, Joaquim Prates e Joaquim Gomes recusam-se a arranjar explicações precipitadas para uma derrota histórica no bastião do Couço. A análise será feita de cabeça fria, garantem



▼ **Reação** Por Avis, Jorge Rodrigues associa perda de eleitores ao voto útil no PS, mas na vila do Norte alentejano fala-se de um cansaço da governação comunista, no poder desde 1976

# P

Passem os anos que passarem, Leonor Xavier não se lembra de ter estado tanto tempo sem levar a cabo uma das suas tarefas mais importantes nas mais de quatro décadas como dirigente do PCP: o contacto direto com a população em Avis, para distribuição de propaganda e auscultação do sentimento popular. A pandemia boicotou aquela que provou há muito ser uma das melhores formas de o partido comunicar; e, nos três meses que se seguiram ao chumbo controverso da proposta orçamental para 2022, essa foi uma das maiores lacunas sentidas nos bastiões em que, pela primeira vez, como aconteceu naquela pequena vila do Norte alentejano, os comunistas perderam umas legislativas para o PS. Os dirigentes locais admitem abertamente que – entre outras falhas que não têm qualquer prurido em apontar – a fuga do voto útil para os socialistas foi igualmente um rude golpe, que ditou a perda do líder parlamentar João Oliveira, mas afastam determinantemente um cenário, no futuro, de definhamento do partido. Porém, perante o pior resultado de sempre da CDU numa corrida à Assembleia da República, quem estuda as dinâmicas do voto comunista alerta para o facto de se estar perante uma erosão eleitoral difícil de travar. Mais: no seio da máquina da Soeiro Pereira Gomes, há quem fale de uma certa turbulência de fundo, iniciada em meados de 2017, ao ponto de ter motivado afastamentos dos críticos do acordo com António Costa, o que pode acelerar a sucessão de Jerónimo de Sousa.

Pelo Couço, o enormíssimo Centro de Trabalho do PCP ainda não abriu portas para a comissão local do partido da freguesia do concelho de Coruche poder analisar o desaire no distrito de Santarém, o qual culminou na não eleição do histórico deputado António Filipe, e a estreia no Parlamento de um dirigente do Chega como representante daquele círculo. Vários dias após a noite negra que trouxe várias

surpresas à Soeiro Pereira Gomes, entre as quais o desaparecimento dos Verdes do hemiciclo, os comunistas daquela localidade, que é membro da Ordem da Liberdade – por, graças aos protestos das suas gentes agrícolas durante o século XX, ter contribuído para o estabelecimento das oito horas de trabalho no País –, recusam precipitar-se em ilações.

Já ouviram as declarações de Jerónimo de Sousa, depois da reunião do Comité Central, começaram a ler o jornal *Avante!*, no dia em que a VISÃO os encontra, e aproveitam as filas da testagem à Covid-19, proporcionada pela junta de freguesia, para sentir o pulso ao eleitorado – principalmente daqueles que “se arrependeram logo na noite do dia 30 de janeiro, quando perceberam que, com medo do regresso da direita ao poder, deram uma maioria absoluta ao PS”, sinaliza Ricardo Botas, antigo jornalista que esteve na origem da simbólica luso-parisiense Rádio Alfa, que tentou levar o comunismo a Viseu, em 1975, e se retirou para aquela aldeia ribatejana há três anos.

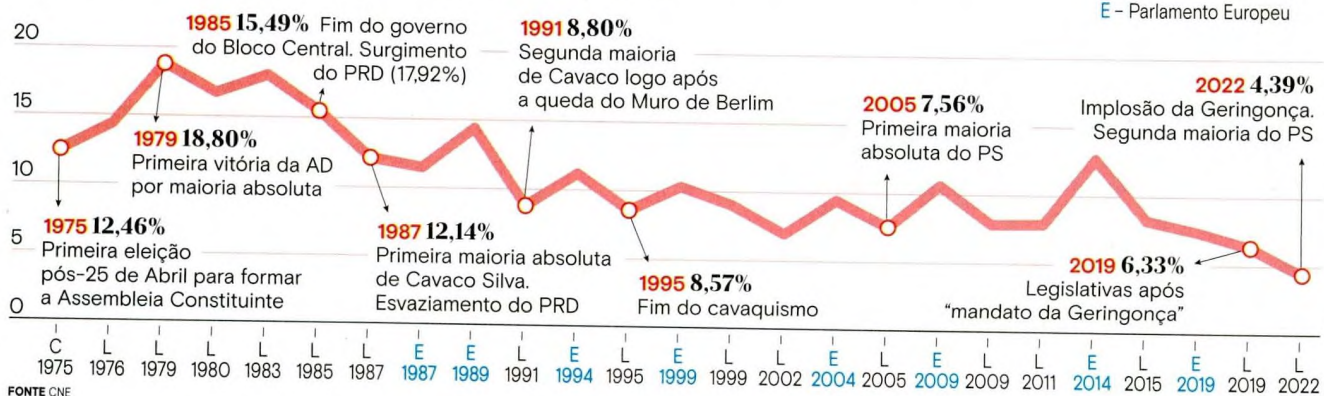
### PCP NÃO SABE COMUNICAR?

Ao lado dos dois militantes Joaquins, um Prates, com mais de 80 anos, e o outro Gomes, que já passou dos 70, Botas tenta desvalorizar a descida da CDU, de 12 deputados para seis: “O partido tem um certo número de militantes, e eu só começo a preocupar-me quando o resultado eleitoral for inferior a esse número. A luta não é nas eleições, é nas ruas – e é para lá que vamos voltar. E aquela extrema-direita, que nos passou à frente, nada mais é do que um CDS que nunca teve coragem de dizer que era fascista e agora tem.” Acaba por ser Joaquim Gomes, que viu os pais presos pela ditadura, quando tinha 12 anos [“fiquei órfão dos dois, logo de uma só vez”], que agrava o tom da conversa: “Temos de analisar este resultado, ouvir quem não foi ouvido e perceber porque o voto útil aconteceu.”

## Voto útil no PS é visto, a par da falta de explicação do PCP sobre o chumbo do OE, como causa para o desaire

### A EROSIÃO ELEITORAL DO PCP

No século XXI, só em eleições europeias, sempre marcadas por uma grande taxa de abstenção, o PCP atingiu os dois dígitos: 10,64%, em 2009, e 12,69%, em 2014





## Conflito latente

*Homem forte do PCP, Francisco Lopes esteve afastado da campanha eleitoral e há quem relate que está em rota de colisão com Jerónimo*

Apontado como a consciência do partido e o homem que controla o aparelho, o ex-deputado Francisco Lopes será um dos maiores críticos à estratégia com que a CDU se apresentou na corrida das legislativas. À VISÃO, fontes próximas do dirigente relatam que terá entrado, nos últimos tempos, em rota de colisão com o secretário-geral, por discordar de “um desvirtuar da essência e das orientações”. As diferenças entre os dois vão ao ponto de cada um ter uma visão distinta de quais seriam as pessoas mais bem preparadas para uma sucessão. “Francisco Lopes vê João Ferreira como alguém muito bem preparado para assumir o papel de levar o PCP a bom porto, ao contrário de Jerónimo que aposta em João Oliveira, que agora fica fora do Parlamento”, sinalizou a tal fonte que referiu que Lopes, identificado com a linha dura do partido, também não assina por baixo a nova forma como o partido comunica. “Não se viu necessidade em se expor ao detalhe o tipo de intervenção cirúrgica do secretário-geral, ou o facto de, pela primeira vez, o partido deixar de assinalar as noites eleitorais no Centro de Trabalho Vitória [na Avenida da Liberdade], ou na Soeiro Pereira Gomes [sede], para ir para um hotel”, disse a mesma fonte, admitindo que, entre “as apostas de Francisco Lopes”, Paula Santos e Bruno Dias, sairá o futuro líder parlamentar.

Por ali, a tarefa de apuramento do que correu mal não será difícil. No Bairro Municipal da Liberdade, vários moradores apontam um certo cansaço em relação à gestão do PCP para que, já nas Presidenciais, João Ferreira tenha sido o primeiro comunista a não ganhar no Couço; as autárquicas ainda deram à CDU uma vitória à tangente, mas as legislativas seguiram o sentido descendente da corrida a Belém. “Não me surpreendeu nada; só achei que as pessoas estavam a levar muito tempo a ter consciência desta asfixia que vivemos aqui e a entender que há mais mundo”, confessa Júlio Marques, proprietário de uma droguaria na artéria principal do Couço, há 49 anos. É também de um tolhimento que se queixa João Malaquias, da comunidade cigana. O avô chegou ali há 96 anos; a família tem terrenos, vive bem, mas acha que “a terra está morta, e depois olha-se à volta, onde o PS manda, e há mais coisas”.

É junto a uma galeria de rostos masculinos que Ortelinda Graça, a primeira mulher presidente de freguesia do Couço, fala desempoeiramente do que aconteceu, dando o nome às coisas. “Já desconfiávamos de que o António Filipe podia não ser eleito – percebemos isso na campanha. Houve uma bipolarização nos últimos dias, entre o PS e PSD. E não tivemos tempo, ou talvez não nos esforçámos o suficiente, para explicar porque votámos contra o Orçamento do Estado; principalmente, há um eleitorado mais idoso – que nos diz muito – que não percebeu a nossa decisão e que viu o líder do PS a acusar-nos de termos chumbado um aumento das suas pensões”, confessa a autarca, que admite que “o percalço de Jerónimo de Sousa também poderá ter sido preponderante, assim como o facto de haver um eleitorado fixo que, devido à idade, morreu”. A autarca estima uma perda de 250 votos na CDU, devido à morte de eleitores nos últimos quatro anos.

Não muito distante dali, esta é a mesma tese que, timidamente, Inês Fonseca aflora. A vice da Câmara Municipal de Avis, indicada pelo presidente Nuno Silva – cuja infeção por Covid-19

impediou que fosse ao encontro da VISÃO –, só vai um pouco mais longe e admite que o PCP “tem de melhorar a comunicação”, numa terra onde, para quem não quer andar nos campos, só há duas oportunidades de emprego: ou se trabalha para o município ou para a fábrica localizada na colina oposta ao castelo da vila. “Numa pandemia, em que a televisão faz um debate entre o PS e o PSD, não nos fizemos ouvir, e isso tem de ser discutido. Será que as pessoas sabem que voltaram a ter um tribunal aqui, porque a câmara o reabriu? Será que sabiam que a GNR ficou sem quartel e fomos nós que arranjámos uma solução?”, questiona.

Talvez a população não saiba de tais feitos da autarquia, que sempre foi comunista – desde 1976 –, mas os que apostaram no PS assumem que fizeram um voto de protesto também pelo “estado” das coisas. E a verdade é que a CDU tem vindo a descer paulatinamente: em 2005, teve ali 1 294 votos, sendo a força mais votada nas legislativas; agora, 672 votos, ficando atrás do PS – metade dos eleitores. “Por serem comunistas, até pode ser que sejam prejudicados por Lisboa, mas depois olhamos para os concelhos socialistas em redor e eles têm tudo. É que têm tudo. Sousel, Fronteira, Ponte de Sor”, aponta Márcia Godinho, mãe de dois filhos, e à espera de um terceiro, com ideias de rumar a Portalegre com o marido, “não fosse o preço das casas de lá e a falta de emprego”.

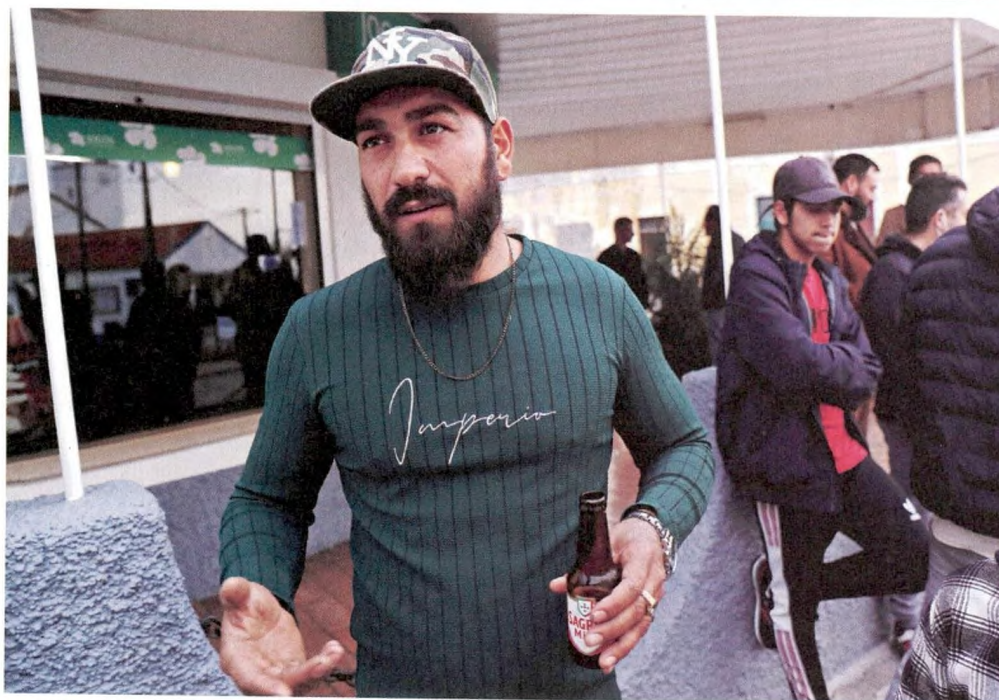
Numa longa rua cheia de laranjeiras, cujos frutos na fase final do Estado Novo não podiam ser colhidos pela população, são vários os que pensam da mesma forma. “Não se atualizam [os comunistas]!” “Isto está na mesma, há anos.” “Vamos ver se abrem os olhos.” Uma toada interrompida por Jorge Rodrigues. “Não sou militante”, adverte o funcionário da câmara, que lamenta o bloqueio imposto pelo Estado Central a Avis, “por ser comunista”.

Ainda na refrega da diminuição da bancada do PCP, os dirigentes comunistas com quem a VISÃO se cruzou, como é o caso de Leonor Xavier, foram unânimes a considerar que haverá

▼ **Falhas** Ortelinda Graça, presidente da junta do Couço, admite que não foi surpresa a não reeleição de António Filipe em Santarém e que esta pode estar associada ao facto de o PCP não ter explicado bem o chumbo do Orçamento do Estado



▼ **Mudança** João Malaquias, de 28 anos, afirma-se cansado de ver terras governadas pelo PS a ultrapassarem a vila gerida pelo PCP, onde a sua família de etnia cigana vive há 96 anos



**Desde 2017, várias vezes no partido apontavam o risco de queda eleitoral, devido ao apoio dado ao governo**

efeitos na cúpula do partido e na estratégia da Soeiro Pereira Gomes, assim que a análise ao que aconteceu comece a ascender das comissões de freguesia para o Comité Central, via os representantes das organizações regionais. “A nossa estrutura é a mais democrática de todos os partidos, porque ninguém deixa de fazer chegar a sua voz à mais alta instância”, sinaliza a dirigente de Avis, de 71 anos.

### CRÍTICOS AFASTADOS, APÓS ALERTAS

Para o órgão máximo do partido, que reuniu após 36 horas do fecho das urnas, os cenários no Couço ou em Avis não são novidade. Aliás, parte da análise do que correu mal já constava em alertas que começaram a ser feitos à boca pequena, com maior insistência em 2017, por quem decidiu quebrar um certo unanimismo. Aliás, na mesma altura em que no Bloco de Esquerda houve vozes a pedir que se acabasse com a Geringonça, no PCP começou a surgir

um certo desconforto com o acordo feito com os socialistas.

Críticos com o rumo delineado pelo secretariado liderado por Jerónimo de Sousa, e em que constam militantes de peso, como Ana Pato, Alexandre Saldanha, Catarina Casanova e Pedro Namora, constituem-se em grupos de descontentes, como a ISKRA – Associação de Estudos Marxistas-Leninistas, para avisar dos alegados riscos que o partido corre por não sair às ruas e continuar apoiar um governo de António Costa. “Camaradas como o Armindo Miranda [membro da Comissão Política] já sabiam que haveria uma Geringonça, em 2015 – por isso, os militantes foram confrontados com algo que pareceu muito rápido, mas que já andava a ser negociado. Foi uma encenação muito bem feita, que culminou na declaração de Jerónimo, na noite eleitoral [de que Costa só não seria primeiro-ministro se não quisesse], e que resultou, por exemplo, em contratações de

comunistas por autarquias do PS – vá lá à Junta de Freguesia de Alvalade para ver o que encontra”, argumenta um membro do Comité Central, que denuncia represálias contra quem se opôs à solução governativa de então ou apelou à sua dissolução, à beira das autarquias de 2017.

Alegadamente, militantes que temiam a erosão eleitoral do partido e a quem a Comissão Central de Controlo de Quadros não terá dado razão, quando àquele órgão de jurisdição, liderado por Albano Nunes, recorreram. “Reúne com as pessoas, ouve-as, diz que está tudo bem e, depois, é que se sente o efeito do afastamento.”

Um desses casos, e que é público, é o de Miguel Casanova, filho do histórico militante e antigo diretor do jornal *Avante!*, José Casanova, e que acabou despedido pelo PCP. O partido alegou necessidade da sua dispensa, no âmbito de uma reformulação do quadro de funcionários, devido a contingências financeiras. O dirigente contestou em tribunal os efeitos por ter criticado a Geringonça e ganhou. Só que, à ordem de reintegração dada pela Justiça, seguiram-se um corte no salário e uma colocação numa das muitas quintas que o partido possui – sem a estrutura como a que havia no Lumiar, dedicada à “educação” de militantes. A VISÃO apurou que Casanova, outrora um dos intelectuais do PCP, passa agora os dias a pintar cadeiras e outro mobiliário, tendo por companhia um casal de caseiros do Leste Europeu e as incursões pontuais de militantes que ali vão buscar animais de criação e alimentos.

Outro dirigente, que recusa qualquer “perseguição a críticos”, admite a preocupação com o grupo de assessores técnicos da bancada parlamentar, devido à redução do número de deputados. “São funcionários do partido que, ao longo de anos, são pagos pelo orçamento no Parlamento sem nunca lá irem e que, até, se reformam com aqueles salários. Alguns deles aliás já na reforma recusaram-se a devolver parte do valor ao PCP, como foi o caso da Elvira Nereu. Pode ser que consigam passar ao quadro de funcionários do Parlamento, porque a lei permite isso”, assegura, admitindo que, neste caso, as “quotas de colocação” possam funcionar – ou seja: militantes que trabalham para o partido e que rumam a outras paragens que os podem acolher –, dando como exemplo o caso do ex-autarca comunista de Carnide, Paulo Quarresma, que foi depois assessor de Bernardino Soares, em Loures, “e que agora está por Avis”.


### “COMITÉ SEM AUTOCRÍTICA”, DIZ BRITO

A hecatombe do PCP é, para o antigo líder parlamentar, Carlos Brito, “uma derrota que não se disfarça”. “Mas a análise feita pelo Comité Central do PCP não apresenta uma só palavra de autocritica. O chumbo do Orçamento do Estado foi um grande erro, com repercussões que ainda estão a sentir-se e que atingem o pró-

prio partido. Ao invés de se fazer essa análise, o PCP continua a tentar mascarar a situação”, aponta aquele que se afastou do partido, há quase 20 anos, para ser um dos fundadores da associação Renovação Comunista, e que defende que “o caminho a seguir deveria ser de profunda autocritica”. “Assumir abertamente o erro e começar a trabalhar numa revisão de muitas das suas orientações, das suas linhas de trabalho orgânico, da sua relação com as populações”, acrescenta.

Segundo Elísio Estanque, sociólogo do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, há um refrescamento que a Soeiro Pereira Gomes terá de realizar, inevitavelmente, ainda que esteja perante um pau de dois bicos. “Os tempos mudaram. As gerações atuais são menos engajadas politicamente e mais abertas aos *soundbites* e a ideias mais arejadas, irreverentes, mas com menos consistência do ponto de vista ideológico e político. Portanto, o PCP, mantendo a sua velha ortodoxia, não se adaptou, e os setores mais esclarecidos, e conscientes da sociedade atual, talvez percebam que alterar profundamente o referencial ideológico contribua para esvaziar ainda mais depressa a força política do PCP”, sinaliza.

A verdade é que os resultados colocaram uma enorme pressão em Jerónimo de Sousa, um dos maiores defensores da Geringonça no Comité Central, mas também na estratégia da “política alternativa, patriótica e de esquerda aprovada no 19º Congresso”, em 2012, frisa um dos maiores especialistas na história do PCP, João Madeira, que releva o quanto “o secretário-geral foi vencendo diversas crises internas e um quadro tendencial decrescente da votação”. “Após uma tentativa falhada de um sobressalto, levada a cabo por Carlos Carvalhas, Jerónimo de Sousa surgiu [em 2004] na perspetiva de restabelecer a longa tradição e os valores ideológicos de uma linha cunhalista adaptada à nova realidade. Mas, após alguns resultados satisfatórios, esta linha tem enfrentado uma quebra – que tem de ser encarada num quadro de uma hecatombe à esquerda do PS”, diz o investigador do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e autor de *A História do PCP – Das Origens ao 25 de Abril*. “Os putativos sucessores, João Oliveira e João Ferreira, têm percursos muito idênticos, são filhos da alternativa patriótica de esquerda. Conseguirão mudar a orientação prevalecente e que sofreu mais um duro golpe?”, interroga Madeira.

Para esta questão, a autarca do Couço tem uma resposta: “Não se preocupem com quem sucede a quem; quem teve medo da direita e fez um voto útil só tem de pensar numa coisa – voltámos ao ponto em que estávamos antes de 2015 e com um PS a prometer o que nunca cumpre.”  [nropio@visao.pt](mailto:nropio@visao.pt)

\*Com Rita Rato Nunes e João Amaral Santos



## Afinal, havia outro João

*A sucessão de Jerónimo não precisa de ocorrer em congresso, já que a eleição do novo líder é feita em reunião do Comité Central. Fala-se de João Oliveira e de João Ferreira para o cargo, mas há um terceiro nome que começa a ser ventilado: João Frazão*

O intelectual de Braga À beira dos 50 anos, **João Frazão, de Braga**, pode ser a ponte entre as duas visões que dominam o PCP – a ortodoxa e a renovadora. Membro da Comissão Política, em que estão Oliveira e Ferreira, tem permanecido longe das câmaras, à exceção de quando tem de ser porta-voz do partido. Dirigentes ouvidos pela VISÃO apontam-lhe o “rasgo intelectual” e a dinâmica que, há vários anos”, estabelece com a Juventude Comunista e o movimento sindical, que são áreas que estarão sob a sua alçada e cuja forte mobilização não o têm deixado ficar mal na fotografia.

### Um de fora, outro quase dentro

João Oliveira, 42 anos, chegou a líder parlamentar do PCP em 2013, quando Bernardino Soares rumou a Loures para arrancar a Câmara Municipal ao PS. Não conseguiu ser eleito pelo círculo de Évora e irá voltar à advocacia – atividade que deixou aos 25 anos, quando entrou no hemisfério. Já João Ferreira, 43 anos, vereador em Lisboa, pode entrar no Parlamento se Jerónimo sair e se os restantes candidatos a deputados por Lisboa abdicarem de ocupar o lugar, porque o ex-eurodeputado ia em 10º lugar nas listas da CDU.